



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**HISTÓRIA LICENCIATURA**

**A GUERRA DO PARAGUAI EM MANUAIS DIDÁTICOS: FONTES PARA ANÁLISE  
DA CULTURA ESCOLAR E DA CULTURA HISTÓRICA**

**ANDREW CESAR DE GOES**

Foz do Iguaçu  
2018



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**HISTÓRIA LICENCIATURA**

**A GUERRA DO PARAGUAI EM MANUAIS DIDÁTICOS: FONTES PARA ANÁLISE DA  
CULTURA ESCOLAR E DA CULTURA HISTÓRICA**

**ANDREW CESAR DE GOES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Éder Cristiano de Souza

Foz do Iguaçu  
2018

ANDREW CESAR DE GOES

**A GUERRA DO PARAGUAI EM MANUAIS DIDÁTICOS: FONTES PARA ANÁLISE DA  
CULTURA ESCOLAR E DA CULTURA HISTÓRICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

**BANCA EXAMINADORA**

Orientador: Prof. Dr. Éder Cristiano de Souza  
UNILA

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Juliana Pirola da Conceição Balestra  
UNILA

Prof. Dr. Pedro Afonso Cristovão dos Santos  
UNILA

Foz do Iguaçu, 07 de dezembro de 2018.

GOES, Andrew Cesar de<sup>1</sup>. **A Guerra do Paraguai em manuais didáticos: Fontes para análise da cultura escolar e da cultura histórica.**<sup>2</sup> 2018. 29 p. Trabalho de Conclusão de Curso História Licenciatura – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2018.

## RESUMO

A Guerra da Tríplice Aliança, ou Guerra do Paraguai, tem sido tema de pesquisa e debate desde o final do conflito em 1870 até a atualidade. Ao largo deste período, diversas interpretações, abordagens e métodos historiográficos produziram mudanças nas formas de narrar essa história, sendo possível destacar três grandes vertentes historiográficas sobre a guerra: a versão tradicionalista; revisionista; e a neorrevisionista. O presente trabalho toma como fonte de investigação, os manuais didáticos de história, entendidos como fontes para análise da cultura escolar e da cultura histórica. A partir do estudo feito sobre tais materiais, o objetivo da pesquisa foi identificar quais são as narrativas presentes nos livros didáticos da atualidade sobre a guerra e a formação da consciência histórica dos brasileiros a respeito da Guerra do Paraguai a partir das narrativas dos materiais escolares. Entender a construção da consciência histórica nos permite um estudo mais preciso sobre a formação da cultura histórica, que também será um dos pontos centrais da presente pesquisa.

**Palavras-chave:** Guerra do Paraguai; Manuais Didáticos; Consciência Histórica; Cultura Histórica; Historiografia

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de curso em História grau Licenciatura, Univesidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Atividade realizada sob orientação do Prof. Dr. Éder Cristiano de Souza.

<sup>2</sup> Aluno do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA. E-mail: andrew.goes@aluno.unila.edu.br.

GOES, Andrew Cesar de. **A Guerra do Paraguai em manuais didáticos: Fontes para análise da cultura escolar e da cultura histórica.** 2018. 29 p. Trabalho de Conclusão de Curso História Licenciatura – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2018.

## RESUMEN

La Guerra de la Triple Alianza, o Guerra del Paraguay, ha sido tema de pesquisa y debate desde el final del conflicto en 1870 hasta la actualidad. Al largo de este periodo, diferentes interpretaciones, abordajes y métodos historiográficos produjeron cambios en las maneras de narrar a esa historia, siendo posible destacar tres grandes corrientes historiográficas acerca de la guerra: la versión tradicionalista; la revisionista; y la neorevisionista. El presente trabajo toma como fuente de investigación, los manuales didáticos de historia, comprendidos como fuentes para el análisis de la cultura escolar y de la cultura histórica. A partir del estudio hecho sobre tales materiales, el objetivo de la pesquisa fue identificar cuáles son las narrativas presentes en los libros didáticos de la actualidad sobre la guerra y cuáles conciencias históricas están siendo fomentadas a partir de la historiografía escolar. Entender la construcción de la conciencia histórica nos permite un estudio más preciso sobre la formación de la cultura histórica, que también será uno de los puntos centrales de la presente pesquisa.

**Palabras clave:** Guerra del Paraguay; Manuales Didáticos; Conciencia Histórica; Cultura Histórica; Historiografía

## 1. INTRODUÇÃO

A Guerra do Paraguai (Guerra da Tríplice Aliança), ou ainda Guerra Guasu<sup>3</sup>, é um tema que tem me interessado muito desde o momento em que iniciei minha graduação no curso de História Licenciatura, na Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA. Após iniciar meus estudos na referida instituição de ensino, ingressei em um projeto de extensão denominado “Ensinar e Aprender História”, o qual era realizado quinzenalmente e reunia professores da rede estadual de educação do Paraná, assim como professores de escolas e universidades do Paraguai, a fim de promover debates sobre experiências, metodologias e possibilidades para o ensino-aprendizagem de história. Nesta formação acadêmica, discutíamos diversos temas, entre tantos, tocou-se na “Guerra do Paraguai”. Logo no início dos diálogos, era perceptível choques entre os argumentos de brasileiros e paraguaios, evidências da perspectiva e identidade histórico-cultural diversas que haviam naquele espaço sobre o tema.

Constatei que os brasileiros e paraguaios, presentes naquele ambiente, tinham noções de proporção e impacto sobre a Guerra do Paraguai, muito distintas. Enquanto os primeiros tratavam o tema como mais um episódio inserido entre os demais na história brasileira, o conflito para os paraguaios era uma memória muito viva no presente, sendo o período de 1864 – 1870 fundamental na constituição de elementos nacionais, como a bravura e coragem do povo paraguaio. No caso dos brasileiros, o entendimento da Guerra do Paraguai como apenas um episódio a mais da história nacional tem relação com a importância que é dada à temática nos livros didáticos e nos outros elementos presentes na cultura escolar e na cultura histórica, como aulas, vídeos, museus, entre outros espaços de formação da cultura e identidade histórica.

Pensando na realidade brasileira, a cultura escolar (tendo como elemento o manual didático) contribui em grande parte para a formação histórica dos cidadãos. Em muitas situações o livro escolar é a única referência de estudo, além de continuar sendo um dos elementos mais simbólicos no ensino-aprendizagem dentro do espaço escolar, não somente da disciplina de História. Se pensarmos na Guerra do Paraguai e compararmos os discursos presentes nos livros didáticos de História do Brasil com os discursos difundidos pela população ao longo do tempo, possivelmente veríamos que as visões

---

<sup>3</sup> O termo “Guerra do Paraguai” surgiu a partir da historiografia brasileira. A nomenclatura dá a entender que o conflito não foi somente no Paraguai, mas também causado pelos paraguaios. Por isso a guerra é “do” Paraguai.

Já o termo “Guerra da Tríplice Aliança” é usado com maior frequência nos países hispanos, especialmente no Paraguai. Assim como no primeiro caso, dá a entender que foi a tríplice aliança a grande culpada pelo acontecimento do conflito. No Paraguai há ainda um terceiro título para a guerra – Guerra Guasu – que significa guerra grande, no entanto, essa nomenclatura é usada com menor frequência.

Neste trabalho, considerando que possivelmente a maior parte dos leitores sejam brasileiros, usarei a nomenclatura Guerra do Paraguai, tal qual é conhecida no Brasil.

são similares. Tudo fica ainda mais perceptível quando analisamos em qual contexto histórico o material escolar foi produzido.

A partir destas observações, o estudo consistiu em reunir e analisar uma série de livros escolares usados em sua grande maioria no 8º ano do Ensino Fundamental, já que devido à hierarquização e organização dos conteúdos por séries dentro da cultura escolar, o 8º ano acaba sendo a etapa em que a Guerra do Paraguai é mais estudada e debatida. Portanto, os livros do 8º ano do Ensino Fundamental, tornaram-se as principais fontes para a presente pesquisa. Meu principal objetivo no primeiro momento era constatar qual era a narrativa historiográfica que aparecia com maior frequência.

Para a realização desta pesquisa, foram analisados oito livros didáticos sendo que sete deles são ou foram utilizados no ensino público, enquanto que apenas um é de escola particular. Ainda, da totalidade dos materiais utilizados, seis deles têm como público alvo os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, enquanto que apenas um é destinado aos estudantes do 3º ano do Ensino Médio e o outro é do 2º ano do Ensino Médio.

Os manuais didáticos de história, inevitavelmente trazem memórias e discursos mais enfatizados que outros. Isso aponta a abordagem teórico-metodológica que o material está seguindo e também o quê, e como o livro pretende ensinar sobre o passado aos jovens. O resultado seria um primeiro sinal indicador das intenções da construção de uma memória predominante (LAVILLE, 2005). Os livros de história, bem como o ensino de história de modo geral, são fundamentais no processo de formação das memórias e identidades, e ambos são de fundamental interesse, tanto para o Estado, quanto para as iniciativas privadas:

Do lado da educação, nós relembramos em seguida que, para certos poderes públicos ou privados, a história continua algo em disputa. Trata-se sempre de uma história concebida sob a forma de uma narrativa histórica determinada, da qual se esperam justificação, legitimação, normas de pensamento e de comportamento. Nós já vimos exemplos em diversos países e contextos nos quais a meta era preservar a ordem estabelecida ou ao contrário, adequar os espíritos a uma nova ordem; vimos também exemplos visando preparar as consciências para que aceitassem uma ordem diferente por vir, como no caso da mobilização da história para a construção da unidade europeia. (LAVILLE, 2005, p. 35)

Portanto, as narrativas historiográficas e o ensino de história, buscam alcançar objetivos específicos, como no caso mostrado acima – a construção de uma identidade e memória favorecendo as ações de uma nova ordem ou de um novo grupo a partir dos textos colocados nos livros didáticos e em outras fontes históricas. A formação de uma memória é fundamental na composição e entendimento da cultura e consciência histórica dos indivíduos, que interpretam o passado e o significam para agir no presente. Isso demonstra, a importância das narrativas presentes nos materiais

escolares de história, bem como as relações ensino-aprendizagem no âmbito escolar, as práticas docentes e os vários outros aspectos presentes no ensino.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: HISTORIOGRAFIA, CULTURA HISTÓRICA E CULTURA ESCOLAR.**

A guerra do Paraguai ocorrida na segunda metade do século XIX, é um tema que traz discussões e está ainda muito presente, principalmente na memória de paraguaios e aparentemente em menor medida de brasileiros<sup>4</sup>. As narrativas sobre a Guerra são ensinadas nas escolas paraguaias desde o primeiro ciclo do ensino básico, segundo relato de docentes paraguaias, e podem ser entendidas como importante elemento constituidor da cultura histórica. O mesmo não ocorre nas escolas brasileiras de Foz do Iguaçu e região, segundo professoras brasileiras, onde o ensino sobre a Guerra é praticamente ausente.

A cultura histórica, segundo o teórico alemão Jörn Rüsen (1994), pode ser entendida como o campo em que os potenciais racionais do pensamento histórico atuam na vida prática. Neste sentido, o ensino de história torna-se uma peça-chave na formação da cultura histórica dentro da sociedade, pois possibilita o aumento do conhecimento sobre a história dos e aos indivíduos, permitindo consequentemente argumentos melhor estruturados e fundamentados. Dependendo de como a história é ensinada (dentro e fora das escolas), os argumentos podem corroborar com a continuidade de problemas historicamente constituídos, ou podem ajudar a combatê-los.

Os manuais didáticos, sendo uma das principais ferramentas disponíveis no processo de construção do conhecimento entre o professor e estudantes no âmbito da cultura escolar, acaba sendo uma importante fonte de análise para entender como possivelmente está ocorrendo o ensino de história e seus resultados.

Para Rüsen (1997), o livro didático ideal é aquele que apresenta a multiperspectividade para mostrar a história tal qual ela é<sup>5</sup>, ou seja, uma construção humana, desconfigurando assim a ideia de que a mesma é algo fixo e naturalmente dado. O manual estudado que apresenta uma única versão,

---

<sup>4</sup> Foi possível realizar essa constatação a partir de observações de docentes brasileiros e paraguaios no curso de extensão “Ensinar e Aprender História”, realizado na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), no ano de 2015.

<sup>5</sup> Cabe ressaltar que a caracterização de livro didático ideal é subjetiva, ou seja, depende dos elementos que cada autor coloca como marcadores de idealidade do material. Quanto à expressão “história tal qual ela é”, refere-se à subjetividade da história, uma ciência que é construída ao longo do tempo a partir da interpretação dos historiadores. Não existem nas narrativas historiográficas verdades sobre o passado, e sim argumentos estruturados cientificamente a partir das fontes analisadas, os quais buscam a maior aproximação possível dos acontecimentos passados.

ou uma única narrativa historiográfica, pode causar ao estudante a falsa ideia de que aquela narrativa conta a verdade, ou seja, o que realmente aconteceu. Quando o indivíduo tiver contato com uma narrativa diferente à conhecida por ele, possivelmente não aceitará e assim poderá estar corroborando com uma visão estereotipada ou fechada sobre o passado.

Outra grande importância da multiperspectividade no ensino de história, é que esta fomenta a argumentação histórica do estudante e uma cultura histórica mais crítica. Isto ocorre quando o indivíduo, ao se deparar com narrativas e explicações diferentes sobre um mesmo tema, se sente mais contemplado com uma delas e terá que encontrar razões para explicar por que uma narrativa é mais relevante que outra. A argumentação histórica crítica dos estudantes representa um elemento específico de mudança na consciência histórica, que é possível a partir do momento em que ocorre um modelo de ensino-aprendizagem dentro da disciplina de História, a qual neste sentido é transformativa (LEE, 2016).

Para Rafael Valls (2001), o livro didático de história mais recomendado deve ser aquele que gere como resultado a melhor aprendizagem de história. Parece óbvio, mas esta situação é muito complexa. Existem diversas discussões que ocorrem na Espanha e em outras partes do mundo sobre o que seria a melhor aprendizagem. O impasse não é recente, podemos tomar como exemplo os debates promovidos pelos historiadores ao longo dos últimos cem anos. Historiadores chamados positivistas defendiam um método de estudo da história baseado em eventos, documentos oficiais e feitos individuais. Com a Escola dos Annales, a partir da década de 1920, começou a indagar-se alguns dos pontos antes mencionados, como por exemplo, o porquê de segmentos populares serem ignorados; o porquê de fontes históricas não oficiais não serem estudadas como documentos históricos, passando a priorizar os processos sociais e a ampliação dos objetos de análise.

O mesmo ocorre no ensino de história. Debater sobre o que realmente seria a aprendizagem significativa é complexo e tem diferentes pontos de vista. Bodo von Borries, afirmou que o livro didático ideal deveria ser aquele que está bem estruturado didaticamente e pedagogicamente, e o mesmo deve trazer conteúdos que toquem a realidade dos estudantes que fazem uso do material, pois assim a aprendizagem acaba sendo significativa (BORRIES, 1995).

Para a realização desta pesquisa, além do estudo sobre a Guerra do Paraguai, tratando a respeito do que é cultura histórica e seu processo de formação, ensino de história e aprendizagem histórica, foi necessário abordar a questão da cultura escolar (FORQUIN, 1993), que possibilita entender como os elementos da escola e na escola são fundamentais para compreender como se dá o ensino de história e os resultados do mesmo. Segundo Forquin, a cultura escolar pode ser entendida como o conjunto de saberes acumulados e organizados didaticamente, que compõem o sistema de ensino e aprendizagem das escolas. Neste meio, a cultura escolar está composta de saberes eruditos,

produzidos na academia, mas também de saberes populares, trazidos pelas vivências de professores e alunos, ou seja, saberes previamente adquiridos.

Um dos objetivos principais deste trabalho é justamente tentar identificar se os saberes, dito “eruditos”, estão presentes nas salas de aula. O livro didático, importante elemento da cultura escolar, geralmente é apresentado como um material que dialoga com várias vozes da academia, bem como aborda debates atualizados e inovadores. Ao investigar os livros didáticos, saberemos se realmente tais materiais trazem novas discussões, ou apenas reproduzem saberes há tempos reproduzidos, o que impacta diretamente na formação da cultura e consciência histórica dos indivíduos.

A cultura histórica pode ser definida como a presença e atuação do pensamento histórico na vida prática (RÜSEN, 1994). Esta pode ser formada através de três diferentes dimensões, sendo estas a estética, a política e a cognitiva, possibilitando ao indivíduo apropriar-se de determinado passado selecionado, de modo que faça sentido na vida prática do presente. Já a cultura escolar, termo cunhado por Forquin (1993), diz respeito aos elementos culturais selecionados para serem transmitidos pela escola. No entanto, cabe lembrar que os saberes e a cultura praticados nas escolas não são fixos, mas elementos constantemente transformados na e pela comunidade que a compõe. Como Rockwell e Ezpeleta (2007) colocam, a escola é formada pela história documentada, bem como pela história não documentada, termo que faz referência ao cotidiano, o qual apresenta elementos claros da documentação oficial da escola, no entanto, modificados pela comunidade escolar. É o elemento humano (comunidade escolar) que possibilita que a escola – instituição com valores e princípios padronizados – seja diversa, como no caso de duas escolas localizadas em bairros distintos podendo uma, ser completamente diferente da outra.

O livro didático, sendo um dos principais objetos da cultura escolar documentada, o torna uma importante fonte de pesquisa para trabalhos na área da educação. Sobre os livros didáticos de história que tratam sobre a Guerra do Paraguai, é possível constatar como a historiografia é variável. Isso fica evidente quando observamos as mudanças das narrativas ao longo do tempo nos materiais escolares, assim como as diferentes apropriações feitas por esta. Vale lembrar que a existência de narrativas distintas, são sinais da influência do contexto político, econômico e cultural da época em que foram produzidas.<sup>6</sup>

A Guerra do Paraguai nos manuais didáticos de história do Brasil, segundo Salles (2017), é colocada sob quatro perspectivas distintas e que estão diretamente relacionadas com o contexto histórico que o país vivia em cada um dos momentos. Essas diferentes historiografias devem ser estudadas, pois são indícios da cultura histórica existente de cada período e ver como os livros

---

<sup>6</sup> O contexto político, econômico e cultural, ainda que não determinantes, influenciam os historiadores na construção das narrativas historiográficas.

didáticos abordam a guerra nos permite entender como esses materiais se apropriam da cultura histórica e dão significado dentro do contexto educacional.

Em nossos estudos, localizamos quatro perspectivas historiográficas brasileiras em relação à Guerra do Paraguai: a memorialístico-militar-patriótica, a dos positivistas ortodoxos, a revisionista e a neorrevisionista. (SALLES, 2017, p. 298)

O primeiro momento em que a historiografia sobre a Guerra do Paraguai se faz presente nos manuais didáticos de história do Brasil, pode ser situado entre os anos de 1870 até meados da década de 1960. Neste primeiro momento, a narrativa historiográfica sobre o conflito nos livros escolares estava marcada pela perspectiva memorialística-militar-patriótica, como os relatos deixados pelo oficial do Exército Brasileiro, Dionísio Cerqueira (1980). Com menor frequência figuravam as narrativas dos positivistas ortodoxos, marcadas pela historiografia factual, centrada nos grandes personagens e nos grandes eventos (SALLES, 2017). A historiografia didática neste momento, almejava reforçar a ideia de nacionalismo e colocar os militares brasileiros na campanha do Paraguai no papel de heróis. Por outro lado, Solano López era tido como o responsável pelo início do conflito, pelo fato de que o Paraguai foi quem iniciou a guerra após o aprisionamento do navio Marquês de Olinda e os ataques ao Mato Grosso e Rio Grande do Sul. Pode-se inferir que o objetivo a ser alcançado, com esta narrativa sobre a cultura histórica brasileira, seja o de fortalecer o sentimento nacionalista e contribuir com a narrativa historiográfica oficial brasileira que se constituía no final do século XIX e início do XX. Além desta narrativa nacionalista, no mesmo período o Brasil passava por outros processos para a constituição do ideal de uma nação civilizada entre os trópicos, como a listagem de patrimônios presentes no país pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB (GUIMARÃES, 1988).

Nessa fase das narrativas sobre a Guerra do Paraguai, conhecida também como tradicionalista (SQUINELO, 2008), o heroísmo militar brasileiro é representado através das batalhas travadas em solo paraguaio como: Tuiuti, Avaí e a batalha naval do Riachuelo. Nas representações iconográficas, os quadros de Pedro Américo ganham imenso destaque, ao lado das imagens do Duque de Caxias, General Osório e Almirante Barroso em seus elegantes trajes militares. O Brasil, nesta vertente, é colocado como o agredido ao ter seu território invadido pelo Paraguai no ano de 1864. Solano López seria o grande culpado pelo conflito, a tal ponto que a historiografia afirmava que o Brasil, ao lutar contra López, fazia um serviço aos paraguaios também, os quais eram oprimidos pela ditadura lopizta. Em vários momentos é ressaltada a ideia de que a guerra não era contra o Paraguai e sim contra o seu governante.

Respeitando as devidas diferenças a serem levadas em consideração pelo historiador em seu ofício ao trabalhar com memórias, reminiscências, diários e cartas, em linhas gerais essa

primeira produção que se iniciou logo após o conflito platino legou uma visão sobre a Guerra na qual foi consagrada a vitória brasileira, tendo o exército imperial, em nome de d. Pedro II, “cumprido com sua missão” ao “libertar o Paraguai do governo de um tirano”; para tal incumbiu-se de registrar as glórias do Império brasileiro representada nas grandes batalhas e nos feitos heróicos. (SQUINELO, 2008, p. 2)

A Guerra do Paraguai, sendo colocada desta maneira, dependendo da interpretação dos sujeitos que recebem a informação pode gerar como resultado o sentimento nacionalista-patriótico, pois o Brasil, além de ser colocado como uma vítima, ainda é colocado como herói do povo paraguaio ao destituir Solano López do poder. As imagens do heroísmo nas batalhas campais e dos líderes militares brasileiros, elementos de dimensão estética da cultura histórica, agem diretamente no processo de aprendizagem histórica, e na formação da consciência histórica dos indivíduos. Esta narrativa influenciou a difusão do sentimento nacionalista brasileiro, processo ocorrido nos anos posteriores ao conflito.

No entanto, a historiografia tradicionalista foi colocada em questionamento durante a década de 1960. Este período é marcado no Brasil como o momento no qual emergiu o governo da ditadura militar em 1964. No processo de perseguição a comunistas e militantes de esquerda, torturas, prisões e exílios ocorreram durante todo o período de governo dos militares. Neste mesmo momento, surgiu uma nova corrente da historiografia que trata sobre a Guerra do Paraguai, de cunho marxista e em oposição à versão tradicionalista, que condenava várias ações militares brasileiras no Paraguai. Esta historiografia ficou conhecida como revisionista. Esta narrativa, sobretudo através do expoente argentino León Pomer e posteriormente com Julio Chiavenato no Brasil com seu livro *Genocídio Americano* (1980), denuncia e critica os massacres do exército brasileiro que dizimaram a população paraguaia de 1865-1870. Com isso há uma inversão do papel do Brasil como a vítima e o Paraguai como o agressor, como afirma Squinele:

Esta vertente explicativa da Guerra do Paraguai acabou por deslocar o Brasil de seu papel “salvador”, e o Paraguai de sua posição de “grande vilão”. Muitos brasileiros e demais latino-americanos tornaram-se admiradores e defensores da nação guarani ao passo que passaram a culpar a nação brasileira por todas as mazelas vividas pelo Paraguai. Afinal, passara-se a ter uma única culpada pelo litígio: a Inglaterra! (SQUINELO, 2011, p.22).

A nova abordagem sobre a guerra colocava o cenário comercial internacional como o grande culpado pelo conflito, sendo a Inglaterra a principal protagonista. Esta, sendo a potência econômica do mundo no século XIX, mantinha boas relações comerciais com os países da tríplice aliança e, ao deparar-se com o desenvolvimento do país guarani, sentiu sua dominação econômica ameaçada, o que a levou a jogar os países aliados contra o Paraguai a fim de frear seu desenvolvimento.

A explicação que se dá para a causa do conflito, como mencionado acima, é que o Paraguai chegou a um nível de auto sustentabilidade tão elevado, que poderia vir a ser um exemplo para os

países vizinhos da região. Sendo assim, o Paraguai se tornou um péssimo caso aos britânicos, que viam seu comércio ameaçado, já que Brasil, Argentina e Uruguai poderiam se tornar autossustentáveis e parar de comercializar com a Inglaterra.

Segundo o revisionismo histórico, o Paraguai era uma nação em grande desenvolvimento, não somente social como econômico, apresentando o surgimento de indústrias, o primeiro ferrocarril da região, além da fundição de ferro localizada na cidade de Ybycuí (produtora de armamentos durante a guerra). Essa historiografia revisionista de cunho marxista criou, nos anos 1960, o que os neorrevisionistas anos mais tarde chamariam do mito desenvolvimentista do Paraguai. O neorrevisionismo, nova corrente historiográfica sobre o conflito – surgida nos anos 1980, viria a chamar esta etapa de desenvolvimento autóctone do Paraguai de mito, ou fantasiosa, pois o Paraguai nunca chegou a ter tal desenvolvimento econômico e, além disso, os paraguaios eram tão dependentes da tecnologia britânica quanto os aliados, principalmente no quesito bélico.

Há controvérsias sobre a Inglaterra ser realmente a única culpada pelo conflito nesta abordagem histórica, Salles (2017) mostra que no revisionismo as elites latino-americanas também tiveram sua parcela de culpa.

Contudo, apesar da indicação das causas econômicas, em que o imperialismo inglês teve um papel fundante, a referida corrente não deposita exclusivamente nas elites econômicas inglesas toda a responsabilidade pela guerra, pois reconhece a atuação das elites locais latino-americanas como agentes que favoreceram a penetração e exploração na/da região pela potência inglesa. (SALLES, 2017, p. 299-300).

A historiografia marxista, ganhou força e desde então foi colocada nos livros didáticos de história brasileiros. Tal foi o impacto que, na atualidade, ainda encontramos nos materiais escolares a narrativa revisionista ou elementos dela a respeito da guerra, ou algum tipo de menção a ela. O principal autor da historiografia marxista, Julio Chiavenato (1980), também é quase sempre mencionado nas obras didáticas, seu livro genocídio americano traz uma série de dados sobre as perdas humanas ao decorrer da guerra, principalmente sobre a população paraguaia.

No âmbito do impacto que esta narrativa causou sobre a cultura histórica brasileira, como mostra Squinelo (2011), muitos brasileiros se solidarizaram com o passado paraguaio. O Paraguai passou a ser visto como um país injustiçado, o qual apresentava um desenvolvimento autônomo único em toda a América do Sul e deveria ser tido como um modelo a ser seguido pelas demais nações, as quais ao invés de seguirem o exemplo, destruíram essa bem-sucedida experiência.

Anos mais tarde, após o ápice do revisionismo, começaram a surgir estudos que questionaram a versão revisionista. A já mencionada historiografia que ficou conhecida como neorrevisionista, buscava, por meio da análise de diversos documentos descobrir os motivos que levaram os países da Bacia do Prata ao maior conflito da história latino-americana. Os historiadores chegaram à conclusão

de que o Paraguai, na verdade, não representava uma potência econômica como os revisionistas afirmavam. No entanto, em termos sociais realmente a nação guarani se destacava em relação aos seus vizinhos. A causa principal do conflito teria sido a consolidação dos Estados Nacionais que se formavam na região do Prata na América do Sul após as suas independências e o Uruguai foi o palco das intensas disputas e interesses que existiam na região. O principal expoente da narrativa neorrevisionista é o brasileiro Francisco Doratioto, escritor do célebre livro “Maldita Guerra” (2002).

Para os paraguaios, o Uruguai representava a saída para o mar que o Paraguai não possuía, ou seja, era a saída ao oceano que permitia ao país exportar, importar e crescer no cenário econômico capitalista global. Para tanto o Paraguai contava com o apoio do Partido Blanco que governava a nação uruguaia e mantinha boas relações diplomáticas com os paraguaios. Mas, ao mesmo tempo que a relação com o Paraguai era boa, os blancos entravam em atrito com os interesses do governo argentino de Bartolomé Mitre e com os interesses dos estancieros brasileiros do Rio Grande do Sul, aos quais lhes favorecia que o Partido Colorado do Uruguai governasse. Tal situação criou uma tensão política e diplomática entre os quatro países. Em 1864, em resposta às demandas dos estancieros gaúchos, as tropas imperiais do Brasil invadiram o Uruguai e tomaram a cidade de Paysandú, depondo o governo blanco e instaurando os colorados no poder. Tal resultado era fatal à crescente economia paraguaia, a qual ficaria presa em seu território sem ter para onde exportar e importar.

Após o fracasso das negociações de Solano Lopez com Dom Pedro II, o Paraguai em retaliação ataca as províncias do Mato Grosso e do Rio Grande do Sul. Os tradicionalistas geralmente dão pouca importância à invasão brasileira no Uruguai, sendo ressaltada somente a questão da disputa bipartidária na República Oriental. Desta maneira, o Paraguai facilmente pode ser considerado como um agressor que haveria primeiramente iniciado a disputa bélica, o que na verdade pode ser considerado erro, já que as hostilidades em território brasileiro se dão somente como uma resposta ao ataque brasileiro no Uruguai.

Estudos e pesquisas mais recentes, nos mostram que atualmente há uma nova tendência, que busca entender a vida dos sujeitos individuais durante o conflito, bem como tais agindo coletivamente. A exemplo disto, no Brasil são cada vez mais comuns pesquisas que pensem no papel dos negros que lutaram na Guerra do Paraguai e dos setores menos favorecidos que foram recrutados à força. André Toral (1995) ao citar Salles (1990), mostra as estratégias de fuga ao recrutamento e se atenta àqueles que fugiam ao sertão e eram caçados pelos recrutadores.

Aos despossuídos não restava outro recurso para escapar ao alistamento que a fuga para o mato. A população da corte e das províncias rebelavam-se contra as autoridades recrutadoras, os delegados de polícia e seus prepostos, que "iam caçar o caboclo no Amazonas e no Pará, o tabaréu nordestino na caatinga, o matuto na sua tapera, o caiçara no litoral, enfim brancos, mulatos e negros que, depois de reunidos e contados, eram despachados em magotes" (QUEIROZ DUARTE, APUD SALLES, 1990:102).

Neste estudo, Toral (1995) acaba explicando a situação dos escravos e dos pobres coletivamente, mas também coloca exemplos individuais de combatentes que foram ao Paraguai como voluntários, ou como na maioria dos casos, de modo forçado. O que se pode observar, é que autores da historiografia memorialística-patriótica-militar, como a de Dionísio Cerqueira (1980), oficial do exército brasileiro e combatente na Guerra do Paraguai, são cada vez mais citados em pesquisas que buscam dar exemplos de papéis individuais, mencionados no diário do oficial brasileiro.

A nova tendência historiográfica desloca o protagonismo dado aos Estados Nacionais e aos feitos individuais dos líderes para os setores populares que lutaram na guerra, apesar de manter como explicação para o início do conflito as disputas dos países platinos na América do Sul. Esta vertente possui elementos da micro história e busca ser uma história vista de baixo, ou seja, feita por indivíduos que até então foram ignorados das perspectivas historiográficas anteriores. Nos livros didáticos, esta perspectiva vem sendo muito utilizada, sobretudo nos materiais publicados após o ano de 2010 e é comum a inserção de narrativas que tratam da participação de indígenas do Mato Grosso. A nova tendência historiográfica, contribui significativamente para a aprendizagem histórica, pois traz como um de seus elementos centrais, a multiperspectividade representada nas diferentes visões de indígenas, pobres e escravizados acerca do mesmo tema.

### **3. UM ESTUDO COM LIVROS DIDÁTICOS SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI.**

#### **3.1. RECURSO E ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS**

Para a realização deste trabalho, foram selecionados alguns critérios a serem analisados nos livros didáticos, a fim de possibilitar que seja feita a constatação de quais conhecimentos são selecionados dentro da cultura histórica para figurarem dentro dos livros escolares e como a cultura escolar se apropria de tal conhecimento.

Os critérios para análise de uma fonte de estudo são fundamentais dentro de uma pesquisa. Quando estudamos livros didáticos, devemos destacar que cada sistema educacional nacional possui critérios específicos para classificar se um livro é adequado ou não. Nesse sentido, o artigo desenvolvido por Freitas (2014) menciona os critérios de análise de livros didáticos no Brasil. Segundo o autor, em nosso país o livro deve trazer pontos fundamentais relacionados à formação da sociedade brasileira, como as origens indígenas bem como afrodescendentes do país. “No Brasil, além das questões materiais, há indicadores de cumprimento da legislação inclusiva, no que diz

respeito, por exemplo à presença da experiência de africanos, afrodescendentes e indígenas” (FREITAS, 2014, p.160).

Existem critérios que, de modo geral, são considerados em vários lugares do mundo para saber se o livro é apropriado ou não para os estudantes. Tratando-se de história, observar se o livro didático consegue suprir com as necessidades da população local, no sentido de conhecer seu passado e conhecer seu presente, ou ainda, trazer informações atualizadas no que diz respeito aos novos acontecimentos da história (FREITAS, 2014), são exemplos de critérios. No entanto, além dos mencionados existem no Brasil muitos outros parâmetros de classificação no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

O último exemplo mencionado como critério de análise nos mostra como o livro didático, assim como todas as historiografias já produzidas, ou ainda em produção, são marcadas por características de sua época, não são feitas para serem imutáveis por toda a eternidade. Com o passar do tempo, novos problemas surgem, exigindo novas soluções. Devido a isso também, a historiografia como todas as ciências conhecidas, sempre estarão em constante produção. Cabe-nos questionar se os conhecimentos produzidos nas academias de história estão chegando aos livros didáticos. Na maioria dos estudos realizados até o presente momento, o contato da escrita acadêmica com o mundo escolar pode ainda ser tido como escasso, mas vem aumentando consideravelmente e nos livros mais atualizados existe uma preocupação dos autores em trazer o maior número de pesquisas acadêmicas para dentro do material escolar. Isso pode nos induzir para outros questionamentos que nos ajudarão a encontrar respostas para a causalidade deste processo.

O livro escolar é também comercial, determinados aspectos ganham relevância na hora de produzir um material escolar, devido ao seu poder de persuasão, no contexto de compra e venda. Pensando nos livros da disciplina de História, vale lembrar que um ponto fundamental a ser considerado é a escolha dos escritores que narrarão os acontecimentos históricos. Isto porque na história não existe imparcialidade, conseqüentemente a escolha de determinado grupo de historiadores, afetará na ocorrência de aparição de uma ideologia que poderá se sobressair mais que outras. Como Circe Bittencourt (1993) coloca em seu trabalho, “o livro didático de história é mercadoria, portador de ideologia...”. Pensando nos critérios escolhidos para analisar os livros didáticos a respeito da Guerra do Paraguai, levar em consideração que a produção didática é ideológica nos ajuda a entender porque existem diferentes narrativas a respeito do mesmo assunto. Ressalto que também deve ser levado em consideração o contexto histórico da época em que os livros foram produzidos, para não cometermos o erro de anacronismo, bem como auxiliar na pesquisa.

**LIVROS DIDÁTICOS UTILIZADOS:**

LIVROS	TÍTULO	AUTORES	EDITORA	ANO	SÉRIE
01	História em movimento 2 – O mundo moderno e a sociedade contemporânea	Gislane Azevedo & Reinaldo Seriacopi	Ática	2013	2º ano do Ensino Médio
02	Projeto Araribá História	Maria Raquel Apolinário	Moderna	2014	8º ano do Ensino Fundamental
03	Projeto Teláris – História	Gislane Azevedo & Reinaldo Seriacopi	Ática	2016	8º ano do Ensino Fundamental
04	Estudar História. Das origens do homem à era digital	Patrícia Ramos Braick	Moderna	2016	8º ano do Ensino Fundamental
05	Historiar – 8º ano	Gilberto Cotrim & Jaime Rodrigues	Saraiva	2015	8º ano do Ensino Fundamental
06	Para viver juntos - História	Anderson Roberti dos Reis & Débora Yumi Motooka	SM	2011	8º ano do Ensino Fundamental
07	História: Cultura e Sociedade. O contemporâneo: Mundo das rupturas	Jean Moreno & Sandro Vieira	Positivo	2015	3º ano do Ensino Fundamental
08	Jornadas. Hist – 8º ano	Silvia Panazzo & Maria Luísa Vaz	Saraiva	2012	8º ano do Ensino Fundamental

Fonte: Andrew Cesar de Goes, 2018.

A escolha dos livros não se deu mediante critérios específicos e sim devido a disponibilidade dos mesmos, ou seja, foram os livros que puderam ser compilados para a realização da pesquisa.<sup>7</sup>

### 3.2 ANÁLISE DAS NARRATIVAS HISTÓRICAS PREDOMINANTES NOS LIVROS DIDÁTICOS.

As narrativas históricas são fundamentais no processo de formação e constituição da consciência histórica. As narrativas históricas são capazes de dar forma ao passado e significá-lo, fazendo com que o mesmo deixe de ser apenas algo que ocorreu em um tempo anterior, para ser algo que é fundamental para a tomada de decisões no presente. Nesse sentido, as narrativas históricas trazem consigo uma importante tarefa, que é a orientação da vida prática dos indivíduos, a partir do conhecimento do significado do passado. Como define Rüsen (2010) o termo competência narrativa:

<sup>7</sup> Ao decorrer da pesquisa houve uma dificuldade muito grande em delimitar as fontes para a realização do trabalho. Neste caso, a delimitação se dá mediante a estipulação de critérios de análise sobre os livros didáticos. Quando a pesquisa foi delimitada, foi possível apenas acessar os livros didáticos disponíveis no laboratório de História Licenciatura da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), devido ao tempo estipulado para a entrega da pesquisa.

Esta competência geral relativa a "dar sentido ao passado" pode ser definida em termos dos três elementos que constituem juntos uma narração histórica: forma, conteúdo e função. Em relação ao conteúdo, pode-se falar de "competência para a experiência histórica"; em relação à forma, de "competência para a interpretação histórica"; e em relação à função, de "competência para a orientação histórica". (RÜSEN, 2010, p.59)

Pode-se inferir que a narrativa histórica proporciona experiência, interpretação e orientação histórica. A experiência consiste no reconhecimento do acontecimento passado, apartado do presente. A interpretação seria o primeiro nexos entre as dimensões temporais, que resulta no conhecimento do passado como elemento construtivo do presente e orientador de ações futuras. Por fim a orientação, é a conexão das dimensões temporais de forma significada, que mesclada com a identidade do sujeito (carregado de valores morais e experiências práticas) orienta as ações práticas dos indivíduos.

Analisar as narrativas históricas presentes nos livros didáticos, permite-nos entender quais possíveis consciências históricas estão sendo formadas a partir da cultura escolar. Como o objetivo deste trabalho é entender a formação da consciência histórica dos brasileiros a respeito da Guerra do Paraguai a partir das narrativas dos livros didáticos, foram determinados critérios de análise que possibilitassem entender quais foram as causas, consequências, quais narrativas prevaleceram e o que os livros a partir disso buscaram transmitir aos estudantes.

#### ANÁLISE DAS NARRATIVAS DOS LIVROS DIDÁTICOS:

LIVROS	ANTECEDENTES E ESTOPIM DO CONFLITO	RESULTADOS DA GUERRA, SEGUNDO OS LIVROS DIDÁTICOS	NARRATIVA PREDOMINANTE; OBJETIVOS; PROTAGONISTAS.
HISTÓRIA EM MOVIMENTO 2 – 2º ANO DO ENSINO MÉDIO	1) Consolidação dos estados nacionais na região do Prata; 2) Preocupação do império em evitar a formação de uma grande nação platina que ocupasse o território do antigo vice-reino do Prata. <b>ESTOPIM:</b> Ataque brasileiro ao Uruguai .	1) <b>Paraguai:</b> o resultado da guerra foi desastroso. O país perdeu 40% de seu território para os aliados, a população masculina adulta foi dizimada e a economia foi destruída por completo. Além de muitas crianças terem morrido em combate, ou por péssimas condições de higiene. 2) <b>Brasil:</b> Fortalecimento do exército; Afirmação da identidade nacional; Morte de 30 mil	1) Neorrevisionista com muitos elementos da nova tendência historiográfica sobre o conflito. 2) Mostra aos estudantes que quem lutou e morreu na Guerra do Paraguai foram indígenas, pobres, escravos e libertos, os quais foram os grandes perdedores, já que não tinham nada a ver com os grandes interesses dos estadistas. 3) Indígenas; Pessoas das camadas populares; Mulheres que auxiliaram o exército.

		soldados; Aumento da dívida externa; Fim da escravidão e da monarquia.	
PROJETO ARARIBÁ – 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	1) Disputa dos Estados Nacionais pelo controle dos rios da Bacia do Prata. <b>ESTOPIM:</b> Ataque brasileiro ao Uruguai	1) <b>Paraguai:</b> Perda de terras anexadas pelos vencedores; População dizimada; Fim das indústrias e rodovias; Retorno do latifúndio e entrada de produtos ingleses. 2) <b>Brasil:</b> 40 mil combatentes mortos; Dívidas contraídas, que aumentaram a inflação.	1) Neorrevisionista com alguns pequenos traços do revisionismo. 2) Mostrar que tanto o Brasil, quanto o Paraguai, saíram perdendo no final da guerra. Principalmente o segundo, que sofreu uma completa destruição. 3) Dom Pedro II e Solano López.
PROJETO TELÁRIS – 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	1) Fronteiras nacionais não definidas. 2) Os Estados temiam que quando um país consolidasse suas fronteiras, dominaria sozinho a Bacia do Prata. <b>ESTOPIM:</b> Ataque brasileiro ao Uruguai.	1) <b>Paraguai:</b> Cidades e economia destruídas; População masculina dizimada e perda territorial. 2) <b>Brasil:</b> 30 mil soldados mortos; Rombo nos cofres públicos; Fortalecimento do exército; Queda da monarquia.	1) Neorrevisionista com elementos da nova tendência historiográfica sobre o conflito. 2) Mostrar aos estudantes que na Guerra do Paraguai quem lutou e morreu foram indígenas, pobres, escravos e libertos, os quais foram os grandes perdedores e não tinham nada a ver com os grandes interesses dos estadistas. 3) Indígenas ; Pessoas das camadas populares; Escravos
Estudar história. Das origens do homem à era digital	1) Expansão paraguaia através da navegação na bacia do Prata. <b>ESTOPIM:</b> Ataque brasileiro ao Uruguai.	1) <b>Paraguai:</b> Perda territorial; População dizimada. Pagamento de indenização de guerra ao Brasil, perdoada em 1943. 2) <b>Brasil:</b> 50 mil brasileiros morreram; Crise econômica	1) Neorrevisionista. 2) Mostrar as principais causas que levaram ao conflito, bem como as consequências desta para os envolvidos, a partir da perspectiva paraguaia. 3) Governantes paraguaios; Venâncio Flores; Soldados brasileiros negros.
HISTORIAR – 8º ANO	1) Questões de fronteiras e disputas pelo controle da navegação dos rios da região Platina. <b>ESTOPIM:</b> Aprisionamento do navio Marquês de Olinda.	1) <b>Paraguai:</b> Perda territorial. 2) <b>Brasil:</b> Aumento da dívida externa; Fortalecimento do exército brasileiro.	1) Neorrevisionista, mas mescla com elementos da vertente tradicionalista, como linhas cronológicas e imposição da culpa à Solano López. 2) O objetivo é explicar brevemente o que foi a Guerra do Paraguai e o enfoque principal está em mostrar os impactos do conflito ao Brasil.

			3) Solano López; Mulheres brasileiras que auxiliaram o exército (Florisbela, Maria Curupaiti e Jovita Alves Feitosa); Soldado negro brasileiro.
PARA VIVER JUNTOS – HISTÓRIA	1) Disputas pelo controle da bacia do Prata e a interferência do Paraguai, Brasil e Argentina na política interna do Uruguai. <b>ESTOPIM:</b> Aprisionamento do navio Marquês de Olinda.	1) <b>Paraguai:</b> População dizimada; Total destruição da economia, que nunca mais se recuperou.	1) Neorrevisionista mesclada com o revisionismo. 2) Mostrar que o Paraguai teve certa culpa no início, mas que ao final do período, foi a grande vítima sendo o país mais devastado. 3) Francisco Solano López
HISTÓRIA: CULTURA E SOCIEDADE. O CONTEMPORÂNEO, MUNDO DAS RUPTURAS	1) Preservação de territórios e fronteiras. 2) Navegação na Bacia do Prata. 3) Imperialismo britânico. <b>ESTOPIM:</b> Ataque paraguaio ao Mato Grosso.	1) <b>Paraguai:</b> Estruturas social e econômica destruídas; Impediu o desenvolvimento do país até a atualidade. <b>Brasil:</b> Grave crise econômica; Fortalecimento do movimento abolicionista.	1) Mescla neorrevisionista e revisionista. Nenhuma das duas prevalece. Fica evidente quando o livro coloca como causas do conflito, ao mesmo tempo a disputa pela navegação na Bacia do Prata e o Imperialismo britânico. 2) Colocar o Paraguai como o grande causador do conflito, já que López é tido como ditador e o primeiro agressor ao haver invadido o Mato Grosso, mas ao mesmo tempo o país também é uma grande vítima, já que no livro existe um quadro ressaltando o impedimento do desenvolvimento econômico paraguaio da atualidade, ainda devido à guerra ocorrida no século XIX. 3) Francisco Solano López; Combatentes negros/mestiços – escravos ou escravos libertos.
JORNADAS.HIST – 8º ANO	1) Disputa pela Bacia do Prata; 2) Guerra civil e instabilidade política no Uruguai. <b>ESTOPIM:</b> Ataque brasileiro ao Uruguai.	1) <b>Brasil:</b> 50 mil brasileiros mortos; Fortalecimento do exército; Aumento da dívida externa. 2) <b>Paraguai:</b> catástrofe demográfica.	1) Neorrevisionista, apresentando como causas centrais para a ocorrência do conflito as disputas dos Estados nacionais da região da bacia do Prata. 2) Mostrar com detalhes os antecedentes que posteriormente levariam à guerra e que na guerra não houve vencedor, ao final,

			<p>todos saíram perdendo de alguma maneira.</p> <p>3) Presidentes de todos os países envolvidos; Soldados que lutaram na guerra.</p>
--	--	--	--

Fonte: Andrew Cesar de Goes, 2018.

Ao analisar os oito livros didáticos – fontes da pesquisa - foi possível constatar que há uma predominância majoritária da narrativa neorrevisionista. O revisionismo historiográfico (vertente marxista), bem como a história tradicional (vertente positivista), quando aparecem, notam-se apenas alguns resquícios. Além disso, o neorrevisionismo acerca da Guerra do Paraguai, não segue uma linha historiográfica delimitada, apesar de apresentar com a nova tendência, mencionada no início deste trabalho, uma aproximação às discussões da História Cultural e de “uma história vista de baixo”<sup>8</sup>.

A “história vista de baixo” nos livros didáticos brasileiros sobre a Guerra do Paraguai mostra-se quando os indígenas envolvidos na contenda são lembrados, bem como setores sociais economicamente desfavorecidos. Pode ser considerado que essa tendência tenha se iniciado com o marxismo revisionista, já que principalmente a memória dos escravos começou a ser resgatada neste período. No entanto, foi algo muito sutil, já que não se aprofundou os estudos nesta temática e ainda, as investigações não foram ampliadas como atualmente é feito, buscando entender o papel dos indígenas, e outros grupos.

Em quase todos os livros didáticos foi dada a explicação neorrevisionista para explicar o conflito. Foi unânime entre todos os materiais dizer que a Guerra do Paraguai foi o resultado direto da disputa dos Estados Nacionais sobre a Bacia do Prata. Além disso, foi comum afirmar que a contenda bélica ocorreu também pela “imaturidade” dos países sul-americanos, os quais ainda não possuíam suas fronteiras bem delimitadas e, no caso uruguaio, o Estado passava por intensas turbulências no cenário político.

Quanto às consequências da contenda militar, a maioria deles colocam que para o Paraguai, a guerra foi uma catástrofe, resultando na completa destruição do país. Já para o Brasil, os elementos mais destacados pelos autores foram o aumento da dívida externa do país, um saldo de mortos que varia de 30 mil à 50 mil pessoas e em diversos materiais foi destacado o fortalecimento político do exército, que contribuiria anos mais tarde com o fim da monarquia.

Em linhas gerais, os livros tentaram destacar que a Guerra do Paraguai foi fruto da incapacidade dos Estados Nacionais da região do Prata em negociar diplomaticamente o uso dos rios

<sup>8</sup> Historiografia que busca apresentar o cotidiano dos setores sociais populares, os quais não eram estudados em linhas historiográficas anteriores, como no caso do positivismo que tratava apenas dos grandes acontecimentos e dos grandes personagens da história.

da bacia, que eram de extrema importância para todos os países. Alguns colocam como culpado pelo início do conflito o Brasil, outros mencionam o Paraguai como responsável, mas esta não foi a discussão principal promovida pelos materiais. Os livros em sua grande maioria, tentaram representar que a guerra foi prejudicial a todos, pois transformou o Paraguai em um país completamente devastado, que sofre consequências até o presente. Para os aliados, especialmente o Brasil, o conflito foi igualmente desastroso, pois afundou o país em dívidas externas gerando uma grave crise econômica com a Inglaterra e vitimou de 30 a 50 mil pessoas, além de D. Pedro II ter fortalecido uma das instituições que o derrocariam anos mais tarde, o exército.

As narrativas contribuem para conformar a consciência histórica, de que o Brasil em nada ganhou com a guerra. Podemos colocar nosso país como mais um perdedor, já que em aspectos gerais, o conflito trouxe mais prejuízos que benefícios. Além disso, a vitória militar não foi gloriosa como recordada no passado, posto que o Brasil foi um dos grandes responsáveis por dizimar a população do Paraguai e destruir quase tudo que existia no país vizinho.

### 3.3 CRITÉRIO DE ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO (MULTIPERSPECTIVIDADE)

O segundo critério de análise, em minha visão, complementa e aprofunda o estudo sobre as narrativas historiográficas, já que a multiperspectividade pode ser considerada um elemento estrutural no ensino de história e que, se apropriado pelos estudantes, possibilita novas interpretações e significados ao passado, bem como permite o surgimento de novas narrativas a partir de novos estudos. A multiperspectividade também amplia a pesquisa, no sentido que esta passa a englobar o livro didático como objeto a ser estudado, no âmbito da cultura escolar e da cultura histórica.

Foi pensado em dedicar um tópico exclusivamente para a discussão da multiperspectividade no livro didático, devido ao grande potencial que este tem para tornar possível a aprendizagem histórica. Segundo Laille (2005), a aprendizagem histórica é capaz de promover o pensamento histórico, no qual o aluno se apropria de elementos estruturantes de segunda ordem da disciplina de história (LEE, 2016). A partir destes consegue significar o passado e construir narrativas argumentativas que explicam o presente como resultado de um longo processo histórico com possíveis perspectivas de futuro.

No entanto, o teórico principal que fundamenta a realização desta etapa da pesquisa é o alemão Jörn Rüsen (1997). Para este, a multiperspectividade é um elemento essencial para que o livro didático seja o ideal. A partir desta, os estudantes podem ter a clara percepção de que a narrativa historiográfica não se trata de uma narrativa verdadeira já estabelecida, a qual representa exatamente a realidade, tal qual ela foi.

Si no se quiere que en la presentación de épocas se genere (sin querer) la falsa idea de “la” historia como hecho fijo, entonces se debe mencionar como tales las perspectivas globales de la interpretación histórica. Los alumnos y las alumnas deben poder aprender que estas relaciones ni siquiera se pueden establecer sin su referencia su presente, que las interpretaciones históricas tienen carácter perspectivo y que existen diferentes perspectivas relacionables de forma argumentativa y que se pueden y deben comparar de forma crítica. (RÜSEN, 1997, p. 90)

Ao pesquisar os livros didáticos, o resultado apresenta uma tendência distinta. Apesar dos livros apresentarem uma narrativa atualizada com as discussões acadêmicas, e em alguns casos mesclar as vertentes historiográficas (intencionalmente ou não), dos oito livros pesquisados, cinco deles não propõem qualquer reflexão sobre pensar sob aquela história por diferentes olhares. Vários livros dizem apenas que a Guerra do Paraguai é um tema controverso, o qual ainda gera muitas divergências e explicações sobre as causas e consequências do conflito.

Por mais ricas em detalhes que fossem as abordagens, elas não retratavam o choque de perspectivas, mas apenas narrativas explicativas que dão a entender que se tratam da narração do passado, tal qual este ocorreu. O aluno tem muito a perder neste caso, pois lhe impossibilitará ou lhe dificultará muito ver a história como uma narrativa construída a partir do trabalho de uma série de historiadores ao longo de meses ou anos.

Apenas três livros<sup>9</sup> fizeram incursões nesse sentido, dedicaram em suas explicações, quadros explicativos, ou pequenos textos nos quais os autores diziam explicitamente que existiram várias vertentes historiográficas a respeito do conflito. Além de destacar essa divisão, é colocado resumidamente o que cada perspectiva diz ser o motivador do conflito e ao final são propostas atividades em cada um dos livros.

No material didático “Historiar”, o estudante deve explicar como as diferentes versões sobre a Guerra do Paraguai nos ajudam a entender que a História é um conhecimento que está em permanente construção. Já no material “História em Movimento 2”, é colocada uma frase com a seguinte afirmação “O trabalho do historiador consiste em interpretar o passado por meio de questões e problemas que se encontram no presente”.

---

<sup>9</sup> AZEVEDO, Gislaïne; SERIACOPI, Reinaldo. História em Movimento 2. O mundo moderno e a sociedade contemporânea. São Paulo: Editora Ática, 2ª Edição 2013. Cap. 29, p. 249 - 254.  
COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. Historiar – 8º ano do Ensino Fundamental. São Paulo. Editora Saraiva, 2ª Edição, 2015. Unidade 15, cap. 4, p. 224 -227.  
APOLINÁRIO, Maria Raquel. Projeto ARARIBA – História 8º ano do Ensino Fundamental. São Paulo. Editora Moderna, 4ª Edição, 2014. P. 196, 210 .

A partir da frase, os estudantes, coletivamente, devem explicar “Por que um mesmo fato pode ter diferentes interpretações entre os historiadores?”. Após realizada a discussão, os discentes devem entrar em um consenso, escolher uma das narrativas que acredita ser a mais próxima da realidade e dar um argumento do porquê da escolha.

O primeiro livro que trabalhou multiperspectividade, propõe uma análise um pouco mais complexa dos estudantes, se comparado aos outros materiais didáticos que também o fizeram. Neste exercício, o livro traz a afirmação que: “o trabalho do historiador consiste em interpretar o passado por meio de questões e problemas que se encontram no presente”<sup>10</sup>. A partir disso, os estudantes devem responder por que um mesmo fato pode ter diferentes interpretações entre os historiadores. Será necessário que os discentes tenham consciência de que as narrativas históricas estudadas são, como dito no enunciado, interpretações do passado e, portanto, não representam a verdade integral. O historiador a partir do contexto histórico no qual está inserido e dos vestígios a sua disposição, interpreta como o passado pode ter sido.

Significa que a historiografia é relativa, no entanto não é relativista, já que existem uma série de regras necessárias na área da ciência da história, que devem ser atingidas para que uma interpretação seja considerada válida. Sendo a história relativa, é possível que historiadores cheguem em conclusões distintas sobre o passado por uma série de motivos, como linha ideológica do historiador, disponibilidade de fontes a serem analisadas, entre outros.

O outro livro intitulado Historiar do 8º ano do Ensino Fundamental, através da multiperspectividade, pede ao aluno que faça o exercício de percepção da formação do conhecimento histórico. Ao final da apresentação das três narrativas dizer que a História está em permanente construção pode guiar o estudante a chegar à conclusão de que esta, seja qual for a temática, é uma interpretação que busca a realidade e aquela que está melhor fundamentada e argumentada, se sobrepõe às demais. Também possibilita concluir que a historiografia não é definitiva. A mais popular e aceita atualmente pode ser substituída por outra melhor fundamentada dentro de alguns anos, fazendo com que a História realmente siga em constante construção e transformação.<sup>11</sup>

Já o livro do Projeto Araribá, coloca que há um choque na historiografia sobre a Guerra do Paraguai, entre a vertente revisionista e neorevisionista e que nas explicações sobre o início do conflito, divergem entre os historiadores das duas linhas de pesquisa, possibilitando ao aluno a

---

<sup>10</sup> A página que contém o quadro de discussão sobre a multiperspectiva e o exercício mencionado do livro História em Movimento – 2º ano do Ensino Médio, encontra-se no apêndice A deste trabalho.

<sup>11</sup> A página que contém o quadro de discussão sobre a multiperspectiva e o exercício mencionado do livro Historiar – 8º ano, encontra-se no apêndice B deste trabalho.

visualizar que não são unânimes as explicações sobre o conflito entre os historiadores.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> A página que contém o quadro de discussão sobre a multiperspectiva e o exercício mencionado do livro Projeto Araribá História – 8º ano, encontra-se no apêndice C deste trabalho.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Guerra do Paraguai atualmente ainda gera muitas discussões pelas atrocidades cometidas nos campos de batalha durante a guerra, bem como pelas diferentes interpretações e significações dadas ao conflito após o seu término. Após pouco mais de um século e meio, no Brasil, podemos ver diferentes explicações e concepções sobre o que foi a guerra contra o Paraguai. Autores de trabalhos sobre a Guerra apontam bem os principais momentos das narrativas historiográficas brasileiras sobre a Guerra do Paraguai, sendo basicamente uma tradicional, outra revisionista e outra neorrevisionista, lembrando que há ainda uma quarta tendência que foca nos sujeitos individuais e coletivos do conflito, ressaltando questões sociais.

Pode-se dizer que essas narrativas fazem parte da cultura histórica, já que são reflexos da produção historiográfica de seus períodos, bem como da memória da população. Analisar e entender como a cultura histórica a respeito da Guerra do Paraguai está presente na narrativa dos livros didáticos motivou a análise comparativa de vários livros utilizados entre o 8º ano do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio. Todos os materiais são utilizados em escolas públicas, exceto um.

Até o momento, foi constatado que no determinado contexto histórico-social que vivemos existe uma preferência pela narrativa neorrevisionista, mas ainda com resquícios do revisionismo e também, ainda em que menor medida, alguns elementos do tradicionalismo. No entanto, é perceptível que, com cada vez mais frequência e intensidade as narrativas sociais aparecem nos livros.

No que tange ao processo de formação da consciência histórica a partir das narrativas, constatou-se que na maioria dos livros o objetivo é mostrar, primeiramente, que a Guerra do Paraguai teve início devido às tensões regionais na Bacia do Prata, descartando, portanto, a hipótese do imperialismo britânico como causa do conflito. Não existe uma grande preocupação em dizer quem iniciou a guerra. Alguns materiais trazem o Brasil como culpado, outros o Paraguai. No entanto, o maior enfoque é dado nas consequências da guerra, sempre sendo ressaltados: a completa destruição do Paraguai; o grande crescimento da dívida externa brasileira; o grande número de mortos pela guerra e o fortalecimento do exército brasileiro no cenário sócio-político.

As narrativas, que em sua maioria não são multiperspectivadas, induzem o estudante a pensar que a guerra ao final não foi positiva para nenhum dos países envolvidos no conflito. É mostrado que o Paraguai foi destruído e nunca se reestabeleceu completamente. No caso brasileiro, para que o triunfo militar ocorresse, foi necessário o profundo endividamento com a Inglaterra e mais de 30 mil vidas perdidas entre combates e doenças, sendo que muitos dos combatentes eram de povos que não tinham nenhuma relação direta com os interesses dos estadistas, como é o caso dos negros e indígenas.

Assim, o estudante é levado a pensar que a guerra foi trágica para todos os envolvidos, é um episódio em que não houve vencedores.

Para estudos futuros, pretendo aprofundar esta pesquisa, tendo como objeto de estudo os livros didáticos usados no Paraguai a respeito do mesmo assunto. Quanto aos livros brasileiros, a pesquisa será realizada com mais critérios de análise, como por exemplo, um estudo detalhado sobre as representações não textuais que estão presentes nos materiais escolares e as atividades cobradas nos livros didáticos, as quais expressam as capacidades cognitivas desejadas no ensino-aprendizagem de história.

Um estudo mais aprofundado sobre os livros didáticos, possibilita ampliar as percepções sobre a construção e disputa das memórias (LAVILLE, 2005). Permite entender como a cultura escolar está se apropriando da cultura histórica, buscando propagá-la ou desconstruir a mesma. A relação estabelecida na instituição escolar, entre o conhecimento acadêmico e o conhecimento didático, possibilita aos estudantes uma orientação temporal (passado – presente – futuro), bem como uma orientação na práxis.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

### 5.1 FONTES DE PESQUISA (LIVROS DIDÁTICOS).

APOLINÁRIO, Maria Raquel. **Projeto ARARIBA – História 8º ano do Ensino Fundamental**. São Paulo. Editora Moderna, 4ª Edição, 2014. p. 196, 210 .

AZEVEDO, Gislaïne; SERIACOPI, Reinaldo. **História em Movimento 2. O mundo moderno e a sociedade contemporânea**. São Paulo: Editora Ática, 2ª Edição 2013. Cap. 29, p. 249 - 254.

AZEVEDO, Gislaïne; SERIACOPI, Reinaldo. **Projeto Teláris – História 8º ano**. São Paulo. Editora Ática, 2ª Edição, 2016. Cap. 8, p. 186 – 205.

BRAICK, Patrícia Ramos. **Estudar História. Das origens do homem à era digital – 8º ano**. São Paulo. Editora Moderna, 2ª Edição, 2016. P. 218 – 219

COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. **Historiar – 8º ano do Ensino Fundamental**. São Paulo. Editora Saraiva, 2ª Edição, 2015. Unidade 15, cap. 4, p. 224 -227.

DOS REIS, Anderson Roberti; MOTOOKA, Débora Yumi. **Para viver juntos – História 8º ano**. Editora SM, 2011. Cap. 5, p. 180, 183.

MORENO, Jean; VIEIRA, Sandro. **História: Cultura e Sociedade. O contemporâneo: Mundo das rupturas**. Curitiba. Editora Positivo, 2015. Cap. 5, p. 67, 75 – 76.

PANAZZO, Sílvia; Vaz, Maria Luísa. **Jornadas. Hist – 8º ano do Ensino Fundamental**. São Paulo. Editora Saraiva, 2012. p. 216 – 222.

### 5.2 REFERÊNCIAS (ARTIGOS ACADÊMICOS E LIVROS)

BITTENCOURT, Circe MF. **Livro didático e conhecimento histórico**. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993, 369 p.

BORRIES, B. von. **Das geschichtsbewusstsein Jugendlicher Erste representative Untersuchungen über Vergangenheitsdeutungen, Gegenwartswahrnehmungen und Zukunftserwartungen in Ost- und Westdeutschland**. München, Weinheim, 1995.

CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da campanha do Paraguai, 1865-1870**. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 1980, 344 p.

CHIAVENATO, Julio José. **Genocídio americano: a Guerra do Paraguai**. Editora Brasiliense, 1980.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. São Paulo. Editora Artes Médicas, 1993, 201 p.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. “Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e

Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional”, In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, No.1, 1988, pp. 5-27.

LAVILLE, C. Em educação histórica e memória não vale a razão. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. UFMG, nº 41, jun/2005, p. 13-42.

LEE, P. "Literacia histórica e história transformativa". In: **Educar em Revista**, n.60 Curitiba Abr/Jun. 2016 (DOSSIÊ - Aprendizagem Histórica: Pesquisa, Teoria e Prática).

MONTEOLIVA, DORATIOTO Francisco Fernando. **Maldita Guerra—nova história da Guerra do Paraguai**. Companhia das Letras, São Paulo, 2002.

ROCKWELL, Elsie; EZPELETA, Justa. Processo inacabado de construção. **Currículo sem Fronteiras**, v. 7, n. 2, 2007, p. 131-147.

RÜSEN, Jörn. El libro de texto ideal. Reflexiones entorno a los medios para guiar las clases de historia. **Iber: Didáctica de las ciencias sociales, geografía e historia**, v. 4, n. 12, 1997, p. 79-93.

RÜSEN, Jörn. O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral. **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: UFPR, 2010, p. 51-77.

RÜSEN, Jörn. Que es la cultura historica?: reflexiones sobre uma nueva manera de abordar la historia. Tradução de: SÁNCHEZ COSTA, F.; SCHUMACHER, Ib. Original In: FÜSSMANN, K.; GRÜTTER, H. T.; RÜSEN, J. (Eds.). *Historische faszination. geschichtskultur heute*. 1994, p. 3-26.

SALLES, André Mendes. A Guerra do Paraguai nas edições do livro didático de história do Brasil: Da Colônia à República, das autoras Elza Nadai e Joana Neves. **Educação Básica revista**, v. 3, n. 2, 2017, p. 291-311.

SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

SQUINELO, Ana Paula. Debates historiográficos contemporâneos: a Guerra do Paraguai e suas vias discursivas. **MATA, Sérgio Ricardo da; MOLLO, Helena Miranda; VARELLA, Flávia Florentino (Orgs.). Caderno de Resumos & Anais do 2º Seminário Nacional de História da Historiografia. A dinâmica do historicismo: tradições historiográficas modernas**. Ouro Preto: EdUFOP, 2008.

SQUINELO, Ana Paula. Revisões historiográficas: a Guerra do Paraguai nos Livros Didáticos brasileiros—PNLD 2011. **Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, v. 15, n. 1, 2011.

TORAL, André Amaral de. A participação dos negros escravos na guerra do Paraguai. **Estudos Avançados**, v. 9, n. 24, 1995, p. 287-296.

## APÊNDICE A (LIVRO DIDÁTICO: HISTÓRIA EM MOVIMENTO 2)

### Uma guerra, diferentes versões

De acordo com a historiografia tradicional brasileira, a Guerra do Paraguai foi uma represália da Tríplice Aliança – que reunia Brasil, Argentina e Uruguai – aos planos expansionistas do presidente paraguaio Solano López. Entre os anos 1960 e 1990, autores revisionistas ofereceram outra explicação para o confronto: Brasil e Argentina – diziam eles – teriam sido manipulados pela Inglaterra para lutar contra o Paraguai, cujo desenvolvimento independente estaria colocando em risco os interesses britânicos no continente.

Em outra linha interpretativa, o historiador Francisco Doratioto defende no livro *Maldita guer-*

*ra*, publicado em 2002, a tese de que as principais razões do conflito teriam sido as rivalidades nacionais e a luta pela consolidação dos Estados nacionais na bacia do Prata.

#### Sua opinião

O trabalho do historiador consiste em interpretar o passado por meio de questões e problemas que se encontram no presente. Com base nessa afirmação e no texto do box, discuta com seus colegas: por que um mesmo fato pode ter diferentes interpretações entre os historiadores? Terminado o debate, elaborem um argumento explicando a opinião do grupo.

**Fonte:** AZEVEDO, Gislaine; SERIACOPI, Reinaldo. *História em Movimento 2. O mundo moderno e a sociedade contemporânea*. São Paulo: Editora Ática, 2ª Edição 2013. Cap. 29, p. 254.

## APÊNDICE B (LIVRO DIDÁTICO: HISTORIANAR – 8º ANO)

### Versões sobre a Guerra do Paraguai

Vejamos algumas reflexões do historiador Boris Fausto sobre as diferentes versões da Guerra do Paraguai.

Na versão tradicional da historiografia brasileira, o conflito resultou da megalomania e dos planos expansionistas do ditador paraguaio Solano López (...)

Atravessando a fronteira, encontramos no Paraguai uma historiografia oposta. O conflito é aí visto como uma agressão de vizinhos poderosos a um pequeno país independente. (...)

Na década de 1960, surgiu entre os historiadores de esquerda, como o argentino León Pomer, uma nova versão. O conflito teria sido fomentado pelo imperialismo inglês. O Paraguai era um país de pequenos proprietários que optara pelo desenvolvimento autônomo, livrando-se da dependência externa. Brasil e Argentina definiam-se como nações dependentes, baseadas no comércio externo e no ingresso de recursos e tecnologia estrangeiros. Esses dois países teriam sido manipulados pela Inglaterra para destruir uma pequena nação cujo caminho não lhe convinha. Além disso, os ingleses estariam interessados em controlar o comércio do algodão paraguaio, matéria-prima fundamental para a indústria têxtil britânica.

Nos últimos anos, a partir de historiadores como Francisco Doratioto e Ricardo Salles, surgiu uma nova explicação. Não se trata da última palavra no campo da História, mas de uma versão (...) mais coerente e bem apoiada em documentos. Ela concentra sua atenção nas relações entre os países envolvidos no conflito. Tem a vantagem de procurar entender cada um desses países a partir de sua fisionomia própria, sem negar a grande influência do capitalismo inglês na região. Chama a atenção, assim, para o processo de formação dos Estados nacionais da América Latina e da luta entre eles para assumir uma posição dominante no continente.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1994. p. 208-209.

#### Atividade

- Explique com suas palavras a seguinte frase: "As diferentes versões sobre a Guerra do Paraguai ajudam a entender que a História é um conhecimento em permanente construção".

**APÊNDICE C (LIVRO DIDÁTICO: PROJETO ARARIBÁ – HISTÓRIA 8º ANO)**

A Guerra do Paraguai é objeto de diferentes interpretações por parte dos historiadores. Uma vertente dos anos 1970-1980 tendeu a analisar o conflito como resultado, principalmente, dos interesses da Inglaterra em pôr fim ao progresso paraguaio, visto como uma ameaça aos negócios ingleses na região platina. Opondo-se a essa visão, o especialista em relações internacionais Francisco Doratioto analisa o conflito como fruto das disputas entre os países da região e o caminho escolhido para se consolidarem como Estados nacionais.

FONTE: APOLINÁRIO, Maria Raquel. Projeto ARARIBÁ – História 8º ano do Ensino Fundamental. São Paulo. Editora Moderna, 4ª Edição, 2014. P. 196.